

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

## **O HOMEM ANTE SI MESMO**

Conferência ditada na A.D.C.E.A

9 de Abril de 1960

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



# O HOMEM ANTE SI MESMO

Entre os momentos mais solenes da vida humana, tais como o nascimento, a morte e a comunhão das almas no amor, se encontra o instante de exaltação da consciência, em que o homem se encontra ante si mesmo, toma consciência de sua própria realidade, de suas próprias limitações e do fundo insondável de seu Ser.

Este instante sublime é essencialmente religioso, da mais pura religiosidade que se possa conceber, realizado no silêncio do templo interior e onde o homem, atuando como sacerdote, toma consciência de sua própria limitação e é testemunha de seu Ser real. Neste reconhecimento de si mesmo, o homem, Deus e a humanidade se conjugam em uma única expressão de vida real sobre a Terra.

Este momento de amplificação da consciência determina e dá perfeição ao ato mais simples da vida ou à totalidade da existência. Assim como, de acordo com as Sagradas Escrituras, aquele que vê o rosto de Deus morre – assim também quem está ante si, mesmo que seja por um só instante, ante a plenitude do ser, ante a luz e o fogo do que realmente é, já não pode ser o mesmo que era antes: trata-se de uma experiência transformadora que imprime uma nova dinâmica à vida.

Todo ser humano leva em si mesmo esta possibilidade de ser e, em um certo momento de sua vida, se encontra ante-si. Mas, a atualização de *ser o que se é* pode ser apenas um bom desejo passageiro ou então, pode comover profundamente a vida e adquirir o carimbo de uma verdadeira vocação de Ser.

Se revisarmos a História da Filosofia veremos como, desde os tempos mais antigos até o presente, o homem procurou constantemente – através do esforço do pensamento – a realidade do ser, do que verdadeiramente é, da realidade fundamental e eterna que está por trás das aparências do mundo fenomênico.

Platão dizia que o que move o homem a conhecer a realidade é a admiração.

Nossos olhos fazem com que sejamos partícipes do espetáculo das estrelas, do sol e da abóboda celeste.

Este espetáculo nos deu o impulso de investigar o universo. Disso brotou para nós a Filosofia, o maior dos bens oferecidos pelos deuses à raça dos mortais.

E Aristóteles dizia:

Pois a admiração é o que impulsiona os homens a filosofar. Começando por admirar-se do que os surpreende por ser estranho, avançaram pouco a pouco e se perguntaram pelas vicissitudes da lua e do sol, dos astros, e pela origem do universo.

Em realidade, nesta admiração, o homem toma consciência de seu não-saber e quer saber: surge o conhecimento. Põe-se em dúvida a realidade do universo, se quer conhecer o real, o permanente.

Quando o conhecimento racional adquire um certo desenvolvimento, o homem toma consciência dos limites de seu próprio pensamento; encontra-se já não ante o universo, mas ante seu próprio pensamento. Duvida da realidade do conhecimento fornecido pelos sentidos. Surge então a crítica da razão, a epistemologia da ciência e se busca a certeza do conhecimento.

Seguindo esta linha de filosofia histórica – tão bem desenvolvida por Karl Jaspers – nos encontramos com um novo veio na busca da realidade. Novo, somente devido ao que o diferencia dos anteriores, mas tão antigo que já o estóico Epíteto havia resumido na seguinte frase:

“A origem da filosofia é o conscientizar-se da própria debilidade e impotência”.

O que se põe em dúvida aqui já não é o universo ou a razão, mas a própria existência humana. O homem, absorvido pelo conhecimento do mundo exterior e vivendo para as coisas, esqueceu-se de si mesmo.

A problemática da existência humana se constitui no tema central da filosofia contemporânea. E o “ante-si” – como problema vital e existencial – é uma das inquietudes fundamentais destes tempos.

Jaspers apontou, com muito acerto, o que ele chama de situações limite, isto é, situações tais como a morte, o padecimento, a luta pela vida, o estar submetido ao azar, o sentimento de culpa, das quais não se pode escapar e que, em última instância, dão ao homem o sentimento de seu próprio fracasso.

A vivência autêntica deste fracasso, a consciência de sua própria impotência e o reconhecimento das situações limite, comovem profundamente o homem e o impulsam em direção a um “além da existência”, em direção à raiz essencial do Ser.

Mas, para que o fracasso existencial tenha um poder altamente regenerativo, é preciso aceitá-lo plenamente, vivê-lo, experimentá-lo e não escapar dele.

Isto é, não é suficiente a consciência das situações limite nem do fracasso para chegar a Ser. Senão que é necessário assumir plenamente a própria situação limite.

Em seu lugar, o homem reage, já seja fechando os olhos e fugindo delas ou então, entregando-se ao desespero. Quer dizer, com um movimento que o tira da visão real de si mesmo.

Quando o homem está sadio, pleno de forças, toma consciência de seu poder e se lança em direção à conquista do mundo e da vida.

Quando está ante a dor e a impotência, se desespera. E quando a crise passa, esquece-se de novo de si mesmo e se lança novamente em direção ao gozo de viver.

Somente a estabilidade dentro dos limites do próprio fracasso – se existir uma atividade vocacional de ser – permite superar as limitações da existência e chegar à plena realidade da condição humana. Falamos de vocação de ser e isso requer uma explicação.

Quer dizer que todas as especulações acerca destas situações limite, a analítica da existência humana e o reconhecimento de sua raiz essencial, não constituem um caminho para chegar a um verdadeiro estado de ser. Não se trata somente de autoconhecimento, autoanálise ou autorrealização, como expressões de ação racional ou volitiva do homem, mas de um salto, do plano contingente da vida ao plano do ser. O que supõe, para nós, uma eleição vocacional de ser.

Em outras palavras, uma coisa é o conhecimento racional de si mesmo, como via psicológica ou filosófica. E outra, muito diferente, é o caminho vivo que conduz ao ser.

Talvez nunca como hoje, nas condições de vida que a sociedade oferece, os homens tenham tomado consciência das limitações da própria condição humana para chegar a uma plena visão da realidade e a uma forma de vida realmente humana sobre a Terra.

Os progressos técnicos e científicos realizados até agora não foram garantia de uma maior compreensão entre os homens. Pelo contrário, a sociedade técnica industrial e urbana está criando deformações tais na vida individual e coletiva que ameaçam inclusive a própria raiz da humanidade.

O clamor geral hoje não é o de um maior progresso, mas de uma melhor humanidade.

Pressente-se, por toda parte, que não são os sistemas sociais nem as instituições os que devem mudar e sim, o próprio coração do homem. O que faz falta é “mais consciência”, “mais amor”, “mais responsabilidade”... Mas, como chegar a isso?

Hoje, tem-se a consciência de uma situação limite fundamental que está dada pela própria natureza do homem. Isto é, qualquer que seja a estrutura social em que se viva, existe um limite de possibilidades de conhecimento, de compreensão, de

amor, de ação, etc., limite este determinado por um núcleo interno, dificilmente acessível a uma transformação radical.

O que realmente importa não é embelezar esse núcleo com a cultura. Nem engrandecê-lo através do progresso. Porque tudo isso não mudará a qualidade do homem. O que faz falta hoje é uma comoção substancial que permita liberar energias desconhecidas na profundidade do ser, para dar ao homem a plenitude de sua humanidade.

O que chamamos de humanidade é só um aspecto contingente, superficial e periférico da real condição do homem.

O homem se move habitualmente em um plano contingente. E o que conhecemos dele, pensamentos, sentimentos e ações, são também aspectos contingentes e não essenciais.

A real condição humana é estabelecida por um salto vocacional, do plano da vida contingente para o plano do ego-ser. A realidade transcendente do ser não é um “para além da humanidade”, como se pretende comumente. É a *condição essencial* da mesma.

Mas, é necessário reafirmar, uma vez mais, que esta realização do ser não é o fruto de uma autoanálise nem de um conhecimento racional de si mesmo. É fruto de uma vocação atualizada de ser-homem.

O que quer dizer isto?

Em primeiro lugar, supõe uma escolha de vida; uma consagração a ser o que se é, como aspiração mais importante da vida: é atitude vital e não de conhecimento.

Fidelidade integral ao ideal escolhido.

Capacidade de sacrifício. Decisão de comprometer o próprio destino de vida, ou seja, arriscar os valores contingentes, pelo valor essencial. Esta é a prova do ser: dar testemunho da morte dos valores contingentes, para chegar ao valor supremo.

Esta morte ou renúncia é condição fundamental de ser. Sem ela, a vocação de ser fica como um ideal irrealizável.

O nascimento na linha do ser supõe morte, na linha do devir contingente.

Através desta renúncia de que falamos, o homem pode dar testemunho sobre a Terra de seu valor essencial e divino. Através da renúncia, o valor transcendente do ser se torna imanente e vital. E renova, vigoriza e ilumina os valores humanos. Os quais adquirem, através da renúncia, plenitude de humanidade.

Por esta consubstanciação do humano com o divino, do devir com o ser, o homem restabelece o caminho entre a humanidade e a divindade. Não fazendo de Deus um ideal, mas tornando-O vivo. Este é o caminho vivo do Ser e não somente uma teoria ou especulação acerca do mesmo.

Por último, diremos que este caminho vocacional de ser não é para a massa, culta ou não. É para uma aristocracia do Espírito. Para aqueles homens que querem realizar o segundo nascimento, o que os desperta da vida contingente para a vida plena do ser. E que possam dar à humanidade a luz, a pureza e o ser de que ela tanto necessita.